

***AS REGRAS
DO DISFARCE***

Livro 123

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal

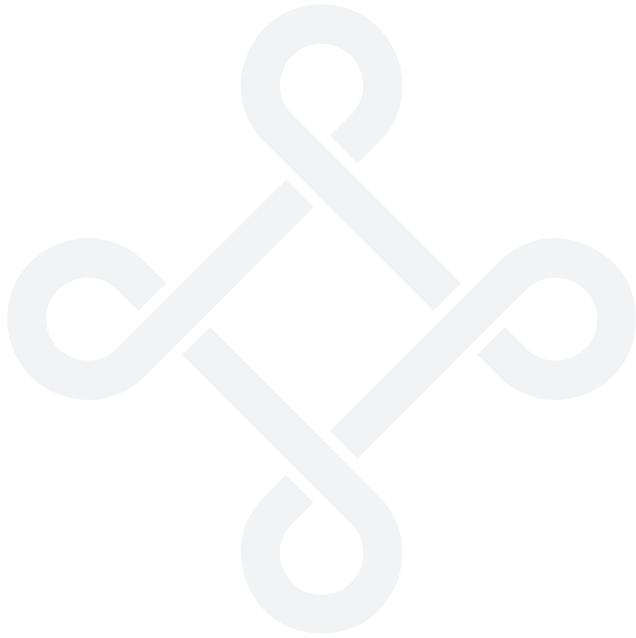


© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



TENHO A IMPRESSÃO

Tenho a impressão de que me repito, menos do que aqueles que se limitam a seguir opiniões alheias, copiando aos outros. Eles sabem de tudo, falam de tudo, opinam como especialistas de ocasião. Eles costumam carregar muitos povos ao desastre.



A EXTENSÃO DOS VÍCIOS

Limitada a extensão dos vícios não se desperdiçará a próxima hora, não fugirei, comprarei o pão, tomaremos o café até lembrar que morreremos inconclusos com a vida, sempre nos faltará algo. Faço uma extensão para que a vida não se desprenda assim sem maiores motivos.

JARDIM DAS MEMÓRIAS

Com a percepção abalada, desperto de súbito como se estivesse tentando me livrar no fim de um sonho, que insistia em somar-se ao começo do despertar. O susto não concede facilidades ao dever de acordar com o bônus de se estar vivo, a quem se exige como um esforço novo, embora sempre se corra o risco de se cansar. Quanto aos sonhos, deverão ser guardados para a próxima excursão ao jardim das memórias.



IR

Ir ao descobrimento, explorar os silêncios, as pausas, os cultos, os ruídos, as reiteraões, as evidências, as fixações, a fé, a ignorância, o privilégio, o prejuízo, a fortuna e a pobreza. Palavras enunciadas por gestos nada escondem; faceiam o omitido.

AS REGRAS DO DISFARCE

Pouco me faltou para desesperar, tinha farejado o caos circundando minhas conquistas. Essas contradições fazem o desgosto da vida, o terror faz estalar as vigas, o medo ao se naturalizar já não o percebo como inimigo, já aprendeu as regras do disfarce na cortesia.



ATAHUALPA YUPANQUI

As penas e as vaquinhas se vão pelo mesmo caminho
As penas são nossas as vaquinhas alheias.

MEMÓRIAS

Perco a memória quando não me importa, quando não me interessa, quando disperso, quando molesto, quando solicitado fora de hora, quando aconselhado, quando simplesmente esqueço de lembrar, quando as razões não forem minhas, quando desperto. Perco a memória quando o tempo é curto, o vento é forte, pelo excesso de sol pela falta de lua, pelo tom brutal ou pela fragilidade audível, pela ausência da ética e pelo excesso de grosseria. Quando me falam em um idioma que nunca me interessei em aprender. Quando o plano for outro que não memorizar.



TEMO

Temo a resignação porque ela adormece. Não quero ver minha alma envelhecida. Descobri que terei de colaborar com a minha esperança senão ela desiludida me abandonará.

SENTIDOS

Hoje, como se nada houvesse se passado, instala-se em mim um sentido de haver ganho terreno perdido na véspera. Apropriando-me de um breve espaço de liberdade, levo a cabo vários devaneios, faço confluências de sentidos.



PEÇO ABRIGO

Desprotegido das batalhas, das ofensas, do dano propositado, do vizinho que oculta o punhal no sorriso hipócrita e faz alvo por pura maldade; peço abrigo.

NÃO FICARÁ

Não ficará impune aquele que ousar desenraizar as almas decepcionadas. Movimentará sensações poderosas, singulares, imprevisíveis, sombrias memórias, ocupadas em elaborar o rancor, o ódio e a decepção.



PREFIRO

Prefiro furiosas declarações às omissões que fazem passar despercebidas as intenções. Ainda que as fontes de segredos invioláveis se ocultem nas omissões e na negação da história.

VAZIOS

As ilusões carregam fraudes. As convicções portam as contradições, a distinção esconde as faturas, a aridez carrega abundantes vazios.



DECONVIDO

Desconvido o resto dos meus dias, nego o alimento que me desgasta a durabilidade.

AS SERENATAS

As serenatas que fiz ainda ecoam na memória de quem abriu a janela generosamente e me deixou entrar como um ladrão de sonhos.



HOJE

Hoje, falo ao pé do ouvido, quase murmurando algum mimo feito verso ou canção. Ecoo todos os meus sons até gastar a noite e o dia, até o silêncio fazer-se presente nas vozes cansadas, nos versos gastos, nas canções não esquecidas.

TENTO

Tento aprender a ter olhares que abram novos espaços, quero descobrir olhares que me vejam e me admirem. Agora tenho uma alma que não tinha, faltam olhos que me reflitam, falta deixar-me levar pela ocasião, tentar o voo isolado, as dores não doem tanto, dói menos que a falta do “eu te amo”. Levo alguns dias para definir uma empolgação, ainda que tardia e menos convicta. Estou extenuado das queixas infundadas e das auto declarações de amor. Tenho uma paciência menos paciente e um amor desocupado sem haver desistido.



ESCONDIDO

Escondido por detrás do olhar reapareço como se estivesse estado no paraíso. Olhos parcus em olhares dão a impressão de uma objetiva sabedoria que sabe como chegar longe.

QUANTOS MEDOS

Incertezas que só fazem aumentar a impaciência. Tiro o prazer de sentir diferente de os demais, pensar quantos medos te vendem, quantas mentiras afirmadas oficializando o enganado e o enganador. Falo com a pele, sinto o que ela tolera vestir.



GESTO DE AMOR

Quanto tempo sem um gesto de amor, quanta farsa que nenhuma razão tolera, apenas se sabe que um golpe na esperança desencanta, faz sentir que não vale a pena, que o padrão destoa, que a espera não alcança, que o desconcerto leva ao mistério das coisas não ditas.

PRECISO DE AMIGOS

Preciso de amigos com coragem, com menos certezas e mais companhia, que se disponham a construir a vida evitando repeti-la aborrecidamente, evitativamente, orgulhosos que dar às costas ao óbvio que alimenta o corpo e a alma.



NÃO OFERECI

Acumulam-se as desculpas não pedidas, a autoridade que não ofereci.

FALHAS

Falharam as palavras, falharam os tratos; os rumos foram desviados, desperdiçados os tempos, confundidas as razões. Falta muito por aprender, constantemente aprender.



IMAGINO MEUS DIAS

Imagino meus dias, conheço todos meus inventos, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino como um maestro. Tento devolver-me a um sentimento primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida.

A PORTA

Lembro-me da porta que guardava misteriosamente surpresas nunca esclarecidas. Se eram virtudes ou defeitos ficaram perdidos no tempo, vítimas inocentes do esquecimento. Tanto poderiam ser ciúmes infundados como fantasias eróticas, intrigas provocativas ou desperdiçadas declarações de amor. O silêncio nivelou todo ocultado sem renovação.



A NOITE DOS MÁGICOS AMORES

Tenho visto os mágicos amores vagando nas noites, os alaridos me permitiram saber que o tamanho da comemoração vinha acompanhado deles, os amores mágicos. Percebidos por suas urgências e tempos efêmeros, instalados fora dos tempos naturais, desfilaram descomprometidos, persistentes, somados ao cortejo das conquistas fulminantes, das gratas respostas. Vieram unidos, derramando o ar colhendo o fogo e plantando os nós.

CONTRA

Na corrida contra o tempo tento diminuir o atraso e acelerar a renovação.



GANHO

Eu ganho com a acolhida, com a recepção e a intimidade oferecida, com a tolerância, com a soma dos amores que me foram dedicados, com a visita do ar que matou a minha sede, com o sossego do anonimato, com a porta que se abriu generosamente apontando a arte e aportando a argila.

AINDA

Ainda viajo com a memória, frequento o passado, a sombra e o silêncio, a dor e a fantasia, a casa minha, a gravidade do pecado imaginado, a ousadia de ter pena e a vantagem de esconder os sonhos de criança. Viajo, procurando virtudes murchas, retalhos extraviados, ternuras moldadas, decisões enferrujadas, purezas desconsoladas, viúvas aliviadas. Procuo por amores dispersados.



QUERO FAZER DE MIM

Quero fazer de mim um outro homem, abandono os sacrifícios, espero indulgências e reconhecimentos, calo agradecimentos que não devo, consinto repartir meu próximo sonho, aumento o repertório das falas noturnas, dou-me por satisfeito de acordar vivo, não achar graça no mau humor, principalmente o alheio. Abstenho-me da fraude e morro gozando tudo. Tento fazer com que o “posso” ganhe do “não pode”.

QUASE

Quase melancólico, me escondo das minhas saudades porque não quero ver-me triste, porque não posso saber-me tão só.



AMORES REPETIDOS

Vivo de amores repetidos, jeitos reincidentes, cópias de inventos sustentados por um fio.

TALVEZ

Inventei uma primavera sem fim como uma lisonja
à Natureza. Nela botei flores, filhos, livros e cores.
Talvez eu seja feliz.



ANTIGA MELODIA

Escutar tua voz, antiga melodia! Encantado em
aventurar-me a pensar o novo dia, despertar contigo e
me encontrar com a alegria.

DESALOJADO MEU TEMPO

Desalojado, meu tempo chama por datas, clama por presenças, cata memórias exiladas que operam ilegíveis à sombra de razão alheia.



AS FALTAS QUE SINTO

Por onde se escondem as faltas que sinto? São tantas: as de coragem, as de tristeza, as de sonhar, as de esperar, as de adiar, as inventadas.



Roberto Curi Hallal

